

## **A CRIAÇÃO DE UM MUNDO**

Os Soldados da Borracha e a (re)significação do espaço amazônico

**Deyvesson Israel Gusmão**

Universidade Federal de Rondônia

gusmao@unir.br

Porto Velho-RO – Brasil

**RESUMO:** O texto tem a finalidade de estabelecer, através da utilização da História Oral como metodologia, a relação entre as práticas cotidianas e a criação do Lugar do homem, sendo esta relação feita a partir da percepção da visão de mundo de uma das chamadas “populações tradicionais” da Amazônia, os seringueiros, mais especificamente dos chamados “Soldados da Borracha”. Tentaremos relacionar História Oral e Geografia Humana, considerando que a memória (a matéria da História Oral) está profundamente ligada ao processo de construção da identidade, sendo esta última parte fundamentalmente necessária ao homem para a constituição de seu Lugar.

Palavras-Chave: *Amazônia – Soldados da Borracha – Geografia Humana – História Oral*

**“Cada lugar é, à sua maneira, o mundo.”**

*Milton Santos*

### **A Geografia**

Historicizando o percurso de formação teórica e epistemológica da Geografia vemos a passagem por desde aquilo que se chama de Geografia Tradicional até o que é chamado de Geografia Crítica. A primeira tendo como principal fundamento e elemento de unidade o Positivismo, sendo duramente bombardeado pela Geografia Crítica, que por sua vez não tem ainda uma unidade definida, em virtude da grande quantidade de métodos de interpretação propostos pelos pensadores que a compõe, tendo, no

entanto, o Marxismo e o Materialismo Histórico Dialético como aporte de destaque considerável.

Antônio Carlos Robert de Moraes, em Geografia: Pequena História Crítica (1983) diz que o termo Geografia Crítica refere-se a um posicionamento dos geógrafos dessa linha que pensam a Geografia como instrumento de ação política transformadora e radicalizadora da realidade social, propondo uma Geografia que milite no sentido de ser “um instrumento de libertação do homem” (1983: 112). Neste sentido é que essa vertente crítica da disciplina se põe em contraposição à vertente tradicional questionando a “despolitização ideológica do discurso geográfico, que afastava do âmbito desta disciplina as questões sociais” (Moraes, 1983:113). Esse distanciamento do viés tradicional da Geografia das questões sociais é bem consequência da neutralidade científica proposta pelo positivismo, sob a qual o pesquisador deveria lidar apenas com seu objeto, não podendo assumir suas emoções ou o lugar ocupado por ele no quadro social, sendo assim o cientista um indivíduo isento, que deveria apenas descrever a realidade sem parcialidade, não interferindo na mesma, afim de que se constituísse uma “ciência asséptica”.

Moraes (1983) nomeia três razões para a crise da Geografia Tradicional: 1) as mudanças e alterações da base social em virtude do nível de desenvolvimento capitalista; 2) a defasagem do instrumental técnico da Geografia Tradicional que fora criado para explicar fenômenos e situações de espaços simples, não suportando, portanto a nova conjuntura do espaço que se tornaram mais complexos; 3) a crise do positivismo, que teve suas proposições, fundamentações teóricas e seus postulados ultrapassados pelo desenvolvimento científico e filosófico das demais Ciências Humanas.

No entanto, apesar das críticas, o autor enumera também alguns saldos da Geografia Tradicional: 1) A Geografia já consolidada como ciência elaborada e disciplina autônoma, com temário bem elaborado; 2) rico acervo empírico; 3) conceitos como os de espaço, território, lugar, ambiente e região (que precisavam ser rediscutidos).

Em Geografia Crítica: A Valorização do Espaço (Moraes, 1987), o autor diz que a falta de definição de um objeto é uma continuidade herdada da Geografia Tradicional, o que segundo ele “causa uma série de problemas epistemológicos” (1987: 23). Poderíamos dizer que hoje a Geografia já tem firmado o seu objeto, qual seria o espaço, sendo a concepção que se tem acerca de tal elemento o cerne da discussão sobre a epistemologia e teoria da geografia. No entanto, hoje a Geografia caminha para a formulação não mais de uma teoria da Geografia apenas, mas para aquilo que seria uma teoria da espacialidade humana (Santos, 2004), algo que supera a etimologia do termo Geografia e que por ora dá conta de todo o espectro conceitual historicamente abordado pela disciplina.

É do homem o preocupar-se com a exterioridade. Mais especificamente em procurar saber como essa exterioridade, que chamamos natureza, se compõe e porque ela se apresenta desta maneira a ele. A busca de uma explicação de como se fez e como se formou a natureza é uma constante na história do homem. As mitologias hebraica, celta, grega, indígenas, os mitos tribais africanos, são apenas uma pequena parte do todo heterogêneo que procura explicar a existência do entorno e dar sentido a essa existência.

Com o advento da modernidade a Ciência surge como a forma de explicação da realidade que se imporá como a “verdadeira” explicadora da existência humana e do seu entorno. À Geografia, como saber científico que é, cabe parte da explicação da realidade. E a parte do latifúndio da Ciência (legitimada pelas instituições modernas como o saber aceitável) que hoje cabe à Geografia (considerando toda a trajetória percorrida pelo pensamento geográfico desde a Geografia Tradicional até as concepções geográficas mais recentes) é o espaço. O que não é pouco, dada a complexidade que toda e qualquer forma de explicação desse espaço exige.

Para Milton Santos “*Nossa proposta atual de definição da geografia considera que a essa disciplina cabe estudar o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ação que formam o espaço*” (1997:51).

Milton Santos define o espaço como sendo esse “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”. Mas o que seriam separadamente esses dois sistemas? Os sistemas de objetos seriam o conjunto da produção material humana, as *rugosidades*, os *extensos* (Santos, 2004), as *próteses*, enfim a configuração territorial. Como o próprio Milton Santos explica, a configuração territorial, que no começo da história humana é o simples conjunto dos complexos naturais, vai sendo substituída ao longo da história pelas obras humanas (1997:51). Assim, a configuração territorial é representada pelas estradas, plantações, edificações, as cidades, etc. Essa mudança no tipo de configuração territorial (do natural ao artificial) imprime ao espaço “*um conteúdo extremamente técnico*” (1997: 51).

Por sua vez, os sistemas de ações seriam as relações sociais propriamente ditas. As ações têm como um de seus resultados a alteração, a modificação da situação em que se inserem, simplesmente porque são processos dotados de interesse e propósito e de conseqüente intencionalidade (Santos, 1997: 64). Milton Santos considera ainda que no mundo inevitavelmente globalizado em que vivemos “*as ações são cada vez mais estranhas aos fins próprios do homem e do lugar. [...] muitas das ações que se exercem num lugar são o produto de necessidade alheias*” (1997:65). E ainda que: “*Frequentemente o ator é apenas o veículo da ação e não o seu verdadeiro motor*” (1997: 65).

Definidos os sistemas, não podemos esquecer que para se chegar até a noção de espaço temos que tratá-los em conjunto, afinal são “indissociáveis”. Os objetos são projeções da intencionalidade humana e conseqüência de atos do homem. São impensáveis sem os valores atribuídos a eles. Por isso os sistemas não existem isoladamente.

Assim, chegamos à conclusão de que o espaço é fruto da *práxis*, que aqui se dá através da justaposição da materialidade, da configuração territorial, com as relações sociais, a presença.

## **A História Oral**

A História Oral tem cada vez mais se tornado um campo de conhecimento específico do que apenas mera técnica de realização de entrevistas ou apenas procedimento metodológico a serviço das mais variadas disciplinas. É muito mais que isso pelo fato de se colocar como posicionamento radical diante de narrativas. A História Oral busca a oralidade e não o fonos, a fala, a voz. A busca é pelo contar, pela narratividade do outro. E a oralidade está no contar, no narrar.

Este é um sentido dado à História Oral por teóricos como José Carlos Sebe Bom Meihy (1996; 1996a; 2000) e Alberto Lins Caldas (1997; 1998; 1999a; 1999b; 2000; 2001) que se alinham em práticas de pesquisa semelhantes. Com base nestes dois teóricos é que temos realizado este trabalho, considerando os conceitos de colaborador e transcrição (Meihy, 2000), além dos procedimentos de cápsula narrativa e nascimento voluntário (Caldas, 1998; 1999a; 1999b), aliada ao tipo de leitura e interpretação proposta em “Nas águas do texto: Palavra, Experiência e Leitura em História Oral” (Caldas, 2001).

É na própria entrevista que utilizamos os procedimentos denominados *Origem Voluntária* e *Cápsula Narrativa* (Caldas, 1998: 37), onde o colaborador inicia sua narrativa por onde achar melhor e não é interrompido até que se perceba o esgotamento da fala, nos dando, dessa maneira, seu eixo narrativo, que é respeitado até o fim do processo.

A entrevista é o momento do diálogo e só se realiza enquanto diálogo (1998: 39). Nesse momento o centro do diálogo tem o eixo deslocado para o colaborador: é o momento em que o colaborador deixa fluir aquilo que lhe resta do vivido: imagens, palavras, discursos (1999b: 54). Por isso, este é o principal momento do trabalho, o momento em que se constitui a matéria do oralista: a memória.

As entrevistas passam pela transcrição, que é, em termos de escrita, tal e qual ao gravado, neste momento colocando no papel tudo que foi dito, inclusive todos os erros,

repetições, vazios e silêncios, sendo entendida por Meihy como “... a passagem do estágio da gravação oral para o escrito” (2000: 88).

O próximo passo será o de textualização das entrevistas, processo esse que é apresentado por Meihy como sendo um momento de reorganização do discurso. Contudo, entendemos que a textualização como sendo uma “reorganização do discurso” é um momento superado, uma vez que os procedimentos de Cápsula Narrativa e Nascimento Voluntário (Caldas, 1998) fazem com que o discurso do colaborador já venha organizado por ele mesmo diminuindo assim a interferência do pesquisador no fluxo discursivo do colaborador. A textualização tem como objetivo tornar a entrevista transcrita em texto compreensível, que permita ao leitor perceber inclusive as sensações passadas pelo narrador no momento da entrevista.

Com a finalização desse processo teremos não mais entrevistas, mas textos que voltarão aos colaboradores no momento da conferência, para que sejam feitas correções e complementações, se necessárias, garantindo neste retorno a devida autorização para uso. A partir de então os textos estarão, abertos às mais variadas leituras e interpretações.

### **A relação entre Geografia e História Oral: possibilidades de interpretação**

Poderia a História Oral, enquanto metodologia, servir à Geografia? A resposta é sim. No caso do estudo em questão a História Oral é fundamental na percepção dos elementos fundamentais do novo espaço de vivência dos Soldados da Borracha e dos tipos de práticas sociais são consideradas no processo de valorização deste espaço

A relação entre História Oral e Geografia Humana aqui proposta não é nova. Como exemplo, podemos citar dois textos fundamentais desta relação. Tratam-se de **Calama: uma comunidade no Rio Madeira**, do Prof. Dr. Alberto Lins Caldas (2000), e **Seringueiros da Amazônia: Sobreviventes da Fatura**, do Prof. Dr. Nilson Santos

(2002). Ambos trabalhos de História Oral, são resultado do curso de Doutorado em Geografia Humana da USP.

**Calama: uma comunidade no Rio Madeira**, (Caldas, 2000) introduz na Geografia Humana um quadro teórico que inclui Moema Viezzer, Elisabeth Burgos e Daphne Patai, aliado a uma prática de pesquisa em História Oral que inclui Meyhi (1991; 1996a; 1996b; 2000), Ataíde (1993), Santos (1996), além de por a Geografia em diálogo com pensadores como Bachelard, Eliade, Barthes, Foucault e Durand, criando assim um horizonte de leitura e interpretação como o proposto pelo próprio Caldas em “Nas Águas do Texto” (2001).

**Seringueiros da Amazônia: Sobreviventes da Fartura**, (Santos, 2002) cria um tecido narrativo a partir do diálogo entre o quadro filosófico e teórico-metodológico proposto por Caldas (2000) e as narrativas obtidas em processo de colaboração. Aqui Santos propõe uma leitura que radicalize os textos que categorizam ou enquadram os chamados seringueiros, índios, ribeirinhos e demais comunidades na denominação geral “populações tradicionais”, pois tal generalização sugere uma identidade comum a estas comunidades, apagando suas peculiaridades.

Os dois textos acima demonstram a possibilidade de relacionar a História Oral com a Geografia. E mais, demonstram como a Geografia pode, através da História Oral, valorizar a experiência humana e considerar as visões de mundo das pessoas que constroem o espaço estudado por ela.

A visão de mundo é a ferramenta principal do homem na constituição do espaço e do lugar. Para Y Fu Tuan (1980), ao propor uma topofilia, “a visão de mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo”. Ou seja, a visão de mundo é construída a partir da interação de dois elementos: a exterioridade e o social. A exterioridade seria o palpável, o visível, o perceptível visualmente, em síntese o ambiente natural. O social seria toda a gama de experiência adquirida a partir da

percepção, não palpável, portanto nem sempre empírico, mas evidentemente plasmado nas relações, nos laços entre as pessoas e entre as pessoas e o mundo.

Desta forma, partindo mesmo do conceito de Topofilia apresentado por Tuan (1980), encontramos um ser humano intimamente ligado ao local onde habita, ao seu local de vivência, ao seu “lugar”.

No caso dos Soldados da Borracha, migrantes que saíram do Nordeste do Brasil para trabalhar na Amazônia durante a Segunda Guerra Mundial, a necessidade de “construir” um novo Lugar gerou a necessidade de criação de uma nova memória, uma nova relação com as vivências passadas. A memória é construção e, ao construir-se, constitui um novo espaço, porque ao constituir-se a memória estabelece sempre uma nova relação com o Lugar. A partir de agora, vamos entender quem são os Soldados da Borracha e qual a sua relação com a Amazônia.

A vida dos Soldados da Borracha, desde a saída do Nordeste, é uma vida entre dois mundos: o nordestino e o amazônico. Neste texto explicitaremos como temos apreendido, a partir das narrativas destes homens, a produção do espaço e o estranhamento das paisagens, para assim compreender melhor o processo de humanização de determinado território, bem como a (re)significação deste a fim de que seja transformado em Lugar, o locus da relação e dos sentidos.

Para que esse entendimento de melhor maneira, historicizamos em linhas mais gerais a trajetória desses homens, para que seja compreendido como a partir principalmente do “estranhamento” pôde ser construída uma relação de profunda harmonia entre estes homens e o seu novo entorno.

A Segunda Guerra Mundial trouxe maior conseqüências para o Brasil a partir de 1941, quando os Estados Unidos deixaram de lado seu status de neutralidade na guerra e passaram a apoiar os países Aliados. Unidos em um corporativismo encabeçado pelos Estados Unidos, os chanceleres dos países americanos definiram princípios políticos e



econômicos que abriram caminho para as negociações de abastecimento de matérias-primas básicas às nações aliadas (Pinto, 1984: 93).

Neste contexto entra em cena a Amazônia como principal fonte de fornecimento imediato de borracha vegetal, já utilizada anteriormente pelos estadunidenses e agora mais uma vez necessária em virtude da tomada, pelos japoneses, dos territórios do sudeste asiático, que produziam cerca de 95% da borracha vegetal consumida no mundo.

Em 1942 foram assinados os “Acordos de Washington”, pelos quais a produção e comercialização da borracha brasileira passaram a ser controladas pelo governo federal e fomentada pelos Estados Unidos. O governo Getúlio Vargas criou então a chamada “Batalha da Borracha” que, mais que um programa de desenvolvimento regional, representou uma das maiores migrações ocorridas na Região Amazônica: mais de 50.000 pessoas de diversos Estados brasileiros se deslocaram de suas cidades para se tornarem “Soldados da Borracha” sendo assim intitulados por terem sido recrutados em uma operação militar na qual “escolhiam” entre a vinda para a Amazônia para lutarem na “Batalha da Borracha” ou a ida para o front de batalha como expedicionários, sendo os nordestinos a esmagadora maioria desses migrantes.

Portanto, os Soldados da Borracha são os homens que vieram para a Amazônia entre os anos de 1943 e 1945 para trabalharem na atividade extrativista de produção de borracha vegetal que seria utilizada pelos países aliados nos esforços de guerra.

Se considerarmos que os Soldados da Borracha saíram de uma região cujas características naturais são o inverso da que eles encontrariam em seu lugar de destino, o histórico traçado acima é fundamental para compreender as novas formas de relação estabelecidas e a vida construída na Amazônia a partir da chegada. Além disso, perceber quais as imagens do mundo amazônico e também do mundo nordestino que se tinha antes e durante a viagem e o que mudou após a vivência em terras amazônicas. Também é necessário, para que sejam evidenciados os elementos

fundamentais do novo espaço de vivência e quais tipos de práticas sociais são consideradas no processo de valorização deste espaço, que seja feita uma leitura de qual é a visão de mundo destes homens sobre a Amazônia e, especificamente para este texto, qual a perspectiva dos Soldados da Borracha sobre a floresta e que práticas podem ser consideradas como um processo de criação do Lugar a partir das práticas cotidianas.

Percebemos que os Soldados da Borracha referem-se às terras amazônicas como se as mesmas fossem a ama-de-leite capaz de suprir a falta da verdadeira mãe. É no seio dessa “mãe gentil” fértil que o nordestino – atraído pela imagem fantástica e maravilhosa que se fez da Amazônia no Nordeste – buscou o abrigo para a fuga da seca adaptando suas formas de viver à Amazônia e onde passou a criar as condições para a sua existência/resistência, descobrindo novos meios para lidar com as dificuldades que enfrentou, ora domesticando e ora sendo domesticado aos poucos pelo que lhe era estranho e desconhecido, (re)significando para si o espaço amazônico.

A relação desses homens com a Amazônia dá-se, inicialmente, de maneira conflituosa. Esses homens interiorizaram uma vivência natural do mundo nordestino e quando chegaram na Amazônia estabeleceram uma relação típica de estranhamento onde as imagens da natureza nordestina entram em conflito com as constatações das formas da natureza amazônica. Aqui, nos remetendo a Milton Santos (1997), podemos dizer que a memória trazida pelo nordestino é “espécie de consciência congelada, provinda de outro lugar”. Mas “o lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação” (1997: 294).

Em virtude da inexperiência na mata o soldado da borracha foi inicialmente estereotipado como o “brabo”. E pelo fato de ser migrante foi denominado de “arigó”. Mais tarde essa denominação permanece, contudo aqueles que já se tornaram experientes na lida com a seringa e entendidos da linguagem cabocla passam a ser “mansos” e não mais “brabos”. No geral, independentemente de serem “mansos” ou

“brabos” esses homens e suas famílias – apesar de a maioria dos soldados da borracha terem chegado solteiros à região amazônica – eram caracterizados como “cearenses”, não importando de que Estado da federação vieram. Dessa forma o caboclo amazônico caracteriza grosseira e indiscriminadamente esses homens como “estranhos” ao ninho amazônico e acabam apagando suas diferenças individuais, sendo o grupo caracterizado por semelhanças superficiais.

Percebemos que o espaço “natural” é reconstruído e ressignificado por estes homens a partir do estranhamento e das relações constituídas dentro do mundo amazônico. A organização do seringal assenta-se no trabalhador que vivia na mata, distante do convívio com os outros. A mata para o Soldado da Borracha possui vida e vontade própria e apresenta-se, pela sua estrutura simbólica, como filha e fruto da comunhão da água com terra. As Águas, que trazem em seu curso os sedimentos responsáveis pela inseminação e fertilização da Terra – elemento símbolo da fecundidade – aparecem não só como fonte de origem, mas também como elemento mantenedor da vida na mata (Eliade, 1992: 110). As terras amazônicas, acolhedoras do homem nordestino, são responsáveis por parir a mata, território desconhecido e “desocupado” que aparece, ao olhar do migrante, como um outro mundo e, por ser um outro mundo/um mundo de outro, apresenta-se sem forma, na modalidade de Caos (Eliade, 1992: 34).

A partir da ação desses homens sobre essa massa verde caótica que se espalha sobre a Terra, inicia-se um processo de organização, de cosmicização do Caos. O homem passa a agir sobre o espaço caótico, amorfo, a fim de transformá-lo simbolicamente em Cosmos, em Mundo, em “seu-mundo”, em seu lugar, ou seja, em seu espaço conhecido (Eliade, 1992: 32).

A transformação do Caos em Cosmos é criação. Essa criação se dá através da ritualização das atividades exercidas pelo soldado da borracha. Esse movimento ritual é que vai estruturar e organizar o espaço da mata, colocar nela os referenciais de que o soldado da borracha precisa para dela tirar seu sustento. Dessa maneira o que se dá é

um processo de consagração desse espaço, processo que, segundo Eliade (1992: 36), implica numa escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo”. Assim a mata necessita de quem a consagrou e a sociabilizou, de quem a criou, tanto quanto o seu criador necessita dela para poder ter um referencial para sua existência: ninguém existe sem um lugar, da mesma maneira que é impossível um lugar sem uma presença. A presença é que vai criar códigos que vão dar significados ao espaço que, por sua vez, surge como concretização do modo de agir de uma sociedade, ou seja, como projeção de uma práxis (Caldas, 1997: 9).

Esse processo de sociabilização, de formação e criação do existente é responsável por tornar o “brabo” em um “manso”, ou seja, fazer do homem nordestino recém chegado e inapto ao serviço de extração do látex – além de desconhecedor de um espaço físico complexo como o da floresta – um homem apto ao trabalho com a seringueira.

Não se pode tratar da constituição do espaço amazônico pelo migrante nordestino sem colocar em evidência a participação daquilo que vai dar sentido a esse espaço: os mitos. Os mitos aparecem como participantes da construção do mundo dos soldados da borracha ao construir imaginários que explicam esse mundo. São também mantenedores da ordem e da estrutura social desse lugar e determinadores da forma de conduta dos homens nesse espaço (Eliade, 2002: 8). São os mitos que ensinam ao homem como usar adequadamente os recursos da floresta, a fim de preservá-la já que ela é o Mundo desses homens.

É interessante observarmos o tipo de relacionamento que esses homens estabeleceram com os índios. Os índios são a própria mata personificada: representam o seu perigo, sua ferocidade, são tão “bichos” quanto as onças. O mito do Mappinguari – que segundo a narrativa de um dos soldados da borracha é um índio que quando fica muito velho sai da aldeia, vai para a mata e lá se transforma no Mappinguari - é um exemplo dessa imagem que eles têm dos índios e também um exemplo de como a tradição indígena foi fundamental para que esses homens, fora de seu lugar de origem, pudessem se relacionar e criar um novo lugar, um novo mundo.

Em suma, a “floresta”, antes mundo caótico para o migrante nordestino passa a ser “mata”, seu Lugar reconhecido, que precisa ser cuidado, ser não apenas preservado, mas mantido, por ser o lócus específico de relações e de sentidos destes homens.

## Referências Bibliográficas

CALDAS, Alberto Lins. **Interpretação e Realidade**. Caderno de Criação, UFRO/Dep. de História/CEI, n.º 13, ano IV, Porto Velho, setembro, 1997.

\_\_\_\_\_. **Seis Ensaios de História Oral**. Caderno de Criação: 37/57, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, nº15, ano V, Porto Velho, junho, 1998.

\_\_\_\_\_. **Oralidade, Texto e História**. Loyola, São Paulo, 1999a.

\_\_\_\_\_. **História e virtualidade**. Caderno de Criação: 06/12, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, nº18, ano VI, Porto Velho, junho, 1999b.

\_\_\_\_\_. **Calama: Uma Comunidade no Rio Madeira**. Tese de Doutorado, Mimeo, USP, São Paulo, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Nas Águas do Texto: Palavra, Experiência e Leitura em História Oral**. Edufro, Porto Velho, 2001.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mito e Realidade**. Perspectivas, col. Debates/52, São Paulo, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org). **(Re)Introduzindo a História Oral no Brasil**. Xamã, São Paulo, 1996a.

\_\_\_\_\_. **HISTÓRIA ORAL: UM LOCUS DISCIPLINAR FEDERATIVO**. (RE)INTRODUZINDO HISTÓRIA ORAL NO BRASIL: 48-55, Xamã, São Paulo, 1996b.

\_\_\_\_\_. **Manual de História Oral**. Loyola, São Paulo, 2000.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Geografia: Pequena História Crítica**. Hucitec, São Paulo, 1983.

\_\_\_\_\_ ; COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Crítica: A Valorização do Espaço**. Hucitec, São Paulo, 1987

PINTO, Nélon Prado Alves. **Política da Borracha no Brasil: A Falência da Borracha Vegetal**. Hucitec, São Paulo, 1984.

SANTOS, Carlos. **Percursos Geográficos: Rumo à Toposofia**. Fundação Rio Mar, Porto Velho, 2004.

SANTOS, Nilson. **Seringueiros da Amazônia: Sobreviventes da Fartura**. Tese de Doutorado, Mimeo, USP, São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Hucitec, São Paulo, 1997.

TUAN, Y FU. **Topofilia**. Difel, São Paulo, 1980.